

POR UMA LITERATURA INFANTOJUVENIL NO TOCANTINS: UMA ANÁLISE DO LIVRO MEU PÉ DE PEQUI DE LEONARDO PÓVOA

*TOWARDS A CHILDREN'S AND YOUNG ADULT LITERATURE IN
TOCANTINS: AN ANALYSIS OF THE BOOK MY PEQUI TREE BY
LEONARDO PÓVOA*

Davi Pereira Gomes 1

Resumo: Este texto visa apresentar como a produção literária infantojuvenil no Tocantins vem crescendo e modificando os modos de produzir e ler literatura. Assim, o objetivo não é catalogar as várias obras que já são existentes e circulam no estado, mas fazer uma discussão geral sobre o processo de formação literária no Tocantins e seus efeitos de sentidos entre os leitores. Metodologicamente, a pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa-analítica da qual tomamos como análise o livro *Meu Pé de Pequi*, de Leonardo Luiz Ludovico Póvoa, autor tocaninense e que por meio da Política Nacional Aldir Blanc/PAAR (2024) publicou a coletânea “Tocantins e suas belezas naturais”, com 5 livros infantis, que foram disponibilizadas para as escolas públicas do estado do Tocantins. Para análise, vamos mobilizar autores como: Regina Zilberman (2019), Antonio Candido (1989;2006), Teresa Colomer (2003,2007), Wallace Rodrigues (2020) Marisa Lajolo (2017), Rildo Cosson (2018) dentre outros autores que versam sobre literatura e literatura produzida no Tocantins.

Palavras-chave: Literatura Infantojuvenil. Literatura Tocantinense. Leitor Literário.

Abstract: This text aims to present how children's and young adult literature production in Tocantins has been growing and modifying the ways of producing and reading literature. Thus, the objective is not to catalog the various works that already exist and circulate in the state, but to conduct a general discussion about the process of literary formation in Tocantins and its effects on meaning among readers. Methodologically, the research presents a qualitative-analytical approach, taking as its analysis the book **Meu Pé de Pequi**, by Leonardo Luiz Ludovico Póvoa, an author from Tocantins who, through the Aldir Blanc/PAAR National Policy (2024), published the anthology “Tocantins and its natural beauties,” with 5 children's books, which were made available to public schools in the state of Tocantins. For analysis, we will use authors such as: Regina Zilberman (2019), Antonio Candido (1989;2006), Teresa Colomer (2003,2007), Wallace Rodrigues (2020), Marisa Lajolo (2017), Rildo Cosson (2018), among other authors who discuss literature and literature produced in Tocantins.

Keywords: Children's and young adult literature. Literature from Tocantins. Literary Reader.

1 - Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLIT) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: dvgomesuft@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4862-0834>.

Introdução

Este texto visa fomentar as discussões sobre a formação da literatura tocantinense, suas gêneses teóricas e produção no estado do Tocantins. Assim, vamos analisar como autores tocantinenses estão por diversos meios contribuindo para uma produção de literatura infantojuvenil, e como essa literatura tem circulado no meio social regional. Partindo do ponto que a literatura não se resume ao local, mas que se faz necessário marcar o lugar como uma forma de reconhecimento e de pertencimento, tendo vista que esse movimento regional advém dos anos de 1930 quando se inaugura o movimento regionalista no Brasil, segundo Antonio Candido (2006) a temática do regionalismo:

Foi uma etapa necessária, que fez a literatura, sobretudo o romance e o conto, focalizar a realidade local. Algumas vezes foi oportunidade de boa expressão literária, embora na maioria os seus produtos tenham envelhecido. Mas de um certo ângulo talvez não se possa dizer que acabou; muitos do que hoje atacam, no fundo o praticam. A realidade econômica do subdesenvolvimento mantém a dimensão regional como objetivo, a despeito da dimensão urbana a ser cada vez mais atuante (Candido, 1989, p.158)

Sendo assim, não seria diferente que os autores que produzem literatura no país marquem seu lugar de pertencimento e denunciem as mazelas regionais em busca de uma humanização dos sujeitos e do seu lugar no mundo.

Sendo o Tocantins o estado mais novo da federação brasileira, com apenas 38 anos de emancipação, e tendo uma literatura em seu processo de formação uma timidez, foi preciso buscar referências nas fontes da literatura goiana, seu crescimento se deu ao longo dos anos de 1990, desde então a produção vem se intensificando a cada dia.

Destarte, o que vamos apresentar nesse texto é como essa literatura que diferente da literatura brasileira, não nasce da poesia, mas do romance. Embora tenha uma densa produção poética, seu prelúdio se consolidou por meio da publicação de romances, o que fez dessa literatura forte e rica na sua consolidação. Assim, existe um quantitativo de escritores e obras em circulação no estado, suas obras são de possíveis aquisição seja por vias de bibliotecas escolares e acadêmicas, livrarias e shopping center. Desse modo, a literatura tocantinense, busca não só apresentar traços e características no seu aspecto regional, mas universalizar temáticas que são necessárias para os leitores brasileiros em geral.

A pesquisa apresenta um caráter qualitativo e abordagem analítica, pois busca compreender e apresentar como a literatura infantojuvenil vem crescendo e tomando forma no Tocantins. Para além de discutir a formação da literatura no Tocantins e seus expoentes mais ilustres.

De acordo com Minayo (2012), a pesquisa qualitativa permite analisar significados, valores e atitudes que não podem ser reduzidos a variáveis mensuráveis. Segundo a autora:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2001, p.27).

Desse modo, esta pesquisa visa contribuir com a fomentação da literatura infantojuvenil, por meio da pesquisa científica que a torna um objeto de estudo e de apreciação pelos que estudam sobre a temática, além de valorizar a cultura e os autores regionais que produzem literatura, ciência e arte.

Para essa pesquisa vamos analisar o livro *Meu pé de pequi*, do autor Leonardo Luiz Ludovico Póvoa, livro que foi publicado em 2021, e que compõe um dos cinco livros do projeto “Tocantins e suas belezas naturais”, projeto que foi patrocinado com recursos da Política Nacional Aldir Blanc/PAAR 2024, do Ministério da Cultura, e operacionalizado pela Secretária de Cultura do Tocantins.

Analiticamente, queremos apresentar como o conceito de interdisciplinaridade pode ser aplicado de maneira simples e benéfica para estudantes do ensino fundamental I, ou seja, alunos do 1º ao 5º ano da educação básica, pois a obra explora temática da flora e fauna tocantinense, além de utilizar fortemente recursos visuais e ilustrativos. O ilustrador Marcos Medeiros, desenvolve uma obra com criatividade e essência que toca às crianças de maneira sensível e apaixonante.

Metodologicamente, vamos discursivizar por meio de autores que versam sobre literatura infantojuvenil a importância de uma literatura voltada para crianças e adolescente no estado, como também, o que se apresenta com essa temática e sua circulação. Alguns dos autores que mobilizaram nessa produção são: Regina Zilberman (2019), Antonio Candido (1989;2006), Teresa Colomer (2003,2007), Wallace Rodrigues (2020) Marisa Lajolo (2017), Rildo Cosson (2018) dentre outros autores que discutem literatura e literatura infanto-juvenil.

Como resultado, visamos apresentar de uma forma não muito segmentada, mas autêntica, maneiras de como ler literatura, ou seja, como o professor em sua prática docente ou formadores de leitores sejam em espaços formais ou não, promovam um letramento literário por meio de uma interdisciplinaridade. Sabendo que a literatura nunca está pronta e acabada, ela se constitui ao longo dos anos, se transforma e se consolida para atender a uma determinada época e classe dominante.

Literatura infantojuvenil: nossos passos vêm de longe

Uma coisa de cada vez
Tudo ao mesmo tempo agora
Arnaldo Antunes¹

Principiamos essas linhas apresentando um trecho da composição de Arnaldo Antunes, para enfatizar que a literatura é produzida e consolidada para uma época e atendendo a demanda de uma sociedade. Assim, a literatura produzida para crianças e jovens teve seu apogeu com uma função reguladora e moralista. Isso se deu, nos países europeus, ganhando forças entre os séculos XVII e XVIII. Antes disso, não havia uma distinção clara entre o que era leitura para adultos e para crianças.

Um marco dessa literatura moralizante na literatura universal são as produções de Charles Perrault (1628-1703), que se tornou um célebre autor e inaugurou o gênero literário *conto de fadas*, por publicar os *Contos da Mamãe Gansa*, *Cinderela* e *Chapeuzinho Vermelho*. Essas histórias, embora baseadas na tradição oral, foram adaptadas com um tom moralizante, refletindo os valores da época. Até então, a literatura não tinha uma distinção do que seria para adultos e crianças, embasada na formação do homem advinda dos gregos e romanos, a produção literária para crianças e jovens só toma fôlego após textos que até na atualidade vivem na memória e figuram como narrativas infantojuvenil.

Além de Perrault (1628-1703) outras obras levaram à baila o mesmo teor moralista e regulatório como a produção literária dos irmãos Jacob Grimm e Wilhelm Grimm (os Irmãos Grimm) já no século XIX, que com suas coletâneas de contos populares alemães, ajudaram a consolidar o gênero. Na mesma época, Hans Christian Andersen, se consolida como um autor de histórias infantis, tais como *O Patinho Feio* e *A Pequena Sereia*. Esses autores e obras marcaram a literatura infantil na sua gênese universal. Embora a temática de seus textos tenha caráter mais moralista, contribuíram para oficializar o gênero infantojuvenil na literatura.

¹ Antunes, Arnaldo. Uma coisa de cada vez. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/titas/40319/>. Acesso em 20 de março de 2026. Warner Chappel Edições Musicais Ltda. Todos os Direitos Reservados.

No Brasil, os primeiros livros dirigidos especialmente ao público infantil e juvenil apareceram ao final do século XIX, patrocinados pela Livraria Quaresma, do qual o patrocinador era Monteiro Lobato (1882-1948), que inaugurou o gênero no país, tendo seu marco em 1921, com lançamento de *A menina do narizinho arrebitado*. Segundo Regina Zilberman (2019):

Anacionalização e o encorpamento da produção endereçada a criança e jovens chegaram com Monteiro Lobato (1842-1948), que, em 1921, lançou, por sua própria editora, *A menina do narizinho arrebitado*, o primeiro expoente da literatura infanto-juvenil brasileira. Entre aquela data e o ano de sua morte, Lobato abasteceu a moçada com seus livros, ciclos que pode ter-se interrompido, não, porém, sua influência, identificável nos ficcionistas que, cronologicamente, se seguiram a ele, como Francisco Marins (1922), Lúcia Machado de Almeida (1910-2005), Ofélia Fontes (1902), Maria José Dupré (1898-1984) (Zilberman, 2019, p.7).

Assim, após o apogeu da literatura infantojuvenil com Monteiro Lobato, que abasteceu o campo editorial com obras do imaginário nacional tais como *O sítio do pica-pau amarelo*, que virou seriado na TV aberta e se consagrou uma das obras queridas pelo público infantil, outras obras também ganharam destaque no cenário nacional, como na poesia de Cecília Meireles, ao lançar *ou isto ou aquilo* em 1937, que marca a vida da professora e poeta mineira como uma expoente da escrita infantojuvenil no Brasil.

No cenário nacional ainda podemos destacar as obras de Eliardo França que publica em 1974 *O rei de quase-tudo*, narrativa curta com uma pequena fábula ao final, protagonizada por um monarca que, dispondo de grande poder, nunca se contenta com suas posses ambicionando sempre mais. Outro destaque é *O reizinho mandão*, de Ruth Rocha, de 1978, que se utiliza de um gênero tradicional para discutir temas contemporâneos no auge da ditadura militar. Zilberman (2019), assevera que:

O país fora vítima, em 1964, de golpe civil-militar que impusera um regime despótico, limitando drasticamente as liberdades civis, impunha a censura e reprimia os adversários por meio da violência e do arbítrio. Ao chamar a atenção para a importância de se rejeitar frontal e decisivamente essa situação, *O reizinho mandão* expunha o desejo não apenas do público infanto-juvenil, mas de toda sociedade, que lutava pelo restabelecimento pleno da democracia (Zilberman, 2019, p.10).

Seguindo essa temática, nos aclamados anos de chumbo, podemos citar outras narrativas que despertaram nos autores o desejo por escrever às crianças e jovens sobre temas contemporâneos e assim despertar o senso crítico. Temas como liberdade de expressão e democracia vistos no livro *História meio ao contrário*, em 1979, de Ana Maria Machado, que sinalizava na passagem dos anos de 1970 a 1980, que literatura infantil não apenas se insubordinava contra o sistema vigente, fosse literário, o político ou econômico, mas promovia meios de se pensar em torno de si. Outro tema relevante é trazido por Lygia Bojunga, em 1976, ao publicar *A bolsa Amarela*, que fomenta a temática da descoberta da identidade e aceitação, que é um difícil itinerário.

Na atualidade, a literatura infantojuvenil se consolidou como gênero literário, fomentado por professores, especialistas e estudiosos da literatura, tornando-se um caminho a ser percorrido por meio da educação formal e informal no Brasil. Para Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2017):

A literatura para crianças e jovens, mas do que a literatura não infantil, mostra-se sensível a esse panorama, marcado

pela intensa movimentação política de segmentos sociais pouco expressivo até as décadas finais do século XIX. Recortada por legislações que, de forma crescente a partir da aprovação e promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996-1997), pauta a leitura escolar, transforma-se a cadeia que vai da produção ao consumo de livros destinados à infância e juventude (Lajolo; Zilberman, 2017, p.14).

Desse modo, a literatura produzida para crianças e jovens no Brasil, ganhou novos enfoques e sentidos, sendo produzida não mais com intenções moralizantes, mas reflexivas, promovidas pela escola como instituição formadora, e levada a promover efeitos imaginários, fantásticos e ao mesmo tempo humanizador, crítico e reflexivo.

Autores, Obras e Leitores: A Literatura Produzida no Tocantins

Nas linhas de Antonio Candido (2006), uma literatura só pode ser considerada consolidada como literatura de um grupo, lugar ou corrente literária, quando ela apresenta três aspectos que são imprescindíveis em sua constituição: autores, obras e públicos. Desse modo, os autores precisam produzir com primazia, pois eles não são sujeitos comuns. Candido (2006) afirma que cumpre certo papel social, assumindo a responsabilidade de ser o porta voz de seu povo, seu lugar e da sua comunidade de leitores.

Diante disso, Candido (2006) aborda que:

A literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estas a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor; termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo (Candido, 2006, p.83).

Sendo a literatura esse conjunto de obras, agindo uma sobre as outras e no tempo, é necessário que essas obras sejam decifradas, deformadas, reconstruídas pelos seus leitores e críticos. Dentro desse processo de constituição das obras, é indispensável se voltar ao ofício do escritor, pois ele é o iniciador desse processo, e só há escritores consolidados, quando temos obras consolidadas e tendo uma circulação.

Assim, falar da produção literária do Tocantins requer, como nos afirma Deboni (2007), "(...) fazer menção à história de sua formação. E é a partir da sua recente constituição como Estado que podemos fazer algumas exposições acerca dessa atividade e averiguar que estamos diante de um processo literário ainda incipiente" (DEBONI, 2007, p. 12). Essa literatura "incipiente" vem se afirmando ao longo dos anos, com escritores fortes e com uma base literária que ultrapassa as fronteiras do estado, alçando voos para uma literatura nacional e universal.

A publicação e oficialização da primeira obra que ganhou destaque na literatura tocantinense só veio em 1995 com o romance *Serra dos Pilões – jagunços e tropeiros*, do escritor Jorge Lima de Moura, conhecido como Moura Lima. Embora tenhamos registro de uma obra publicada, em 1992, de Pedro Tierra, que é *passarinhar*, que não ficou conhecida como uma produção de fundação da literatura do Tocantins. Os motivos que não elegeram essa obra como de fundação, não são claros, nos textos analisados, apenas temos informações e nunca uma explicação dos fatos. Mais tarde Moura Lima publica outro romance, *O Chão das Carabinas - coronéis, peões e boiadas*, em 2002. Esses podem ser considerados os primeiros romances de fundação de uma literatura tocantinense.

Como já citado a literatura do Tocantins, não nasceu na poesia, embora a maior produção

atualmente sendo no campo poético. Ela nasce na prosa ficcionista, trazendo consigo elementos fundadores do então norte goiano, hoje Tocantins, tais elementos figuram personagens mais comuns encontrados nesses romances como: jagunços, tropeiros, vaqueiros, prostitutas e comerciantes. Assim, Deboni (2007) alude que:

Dessa forma, o seu contexto literário é, pois, marcado pelo esforço dos escritores e intelectuais para construir uma identidade tocaninense através da produção e da valorização de textos que explorem seus elementos regionais. Esse quadro, de certa forma, reproduz, em âmbito estadual, os objetivos e caminhos traçados pelos escritores brasileiros que, no século XIX, empenharam-se na construção de uma literatura nacional (Deboni, 2007, p. 76).

Essa construção de identidade local, por muito tempo foi uma preocupação da pena dos escritores do Tocantins, e de forma acertada, pois escrevemos a partir do lugar em que habitamos e sentimos pertencimento. Depois de três décadas de existência, não caracterizamos ela como uma literatura já consolidada, mas em constante construção e afirmação de uma literatura tocaninense no norte do Brasil. Dessa forma, Ribeiro e Rodrigues (2021) aludem que:

Esperar que o Tocantins, com apenas três décadas de existência, enquanto unidade política e administrativa autônoma, já possua escritores e obras consagradas pela crítica e pelo público leitor é um exagero. Apesar de apresentar um número considerável de escritores em atividade e sete academias de Letras, a nossa literatura ainda é pouco lida e divulgada pelos meios midiáticos e pouco utilizada nos espaços acadêmicos. Por isso pensar num sistema literário consolidado (...) isto é, autores produzindo, obras circulando e um público leitor fiel, também é uma postura prematura, considerando as características socioeconômicas do Estado, para além de sua recente história de criação e consolidação (Ribeiro; Rodrigues, 2021, p. 18).

Assim, a literatura produzida no Tocantins ainda encontra dificuldades na circulação de suas obras, embora, existem várias frentes de divulgação, não nos consolidamos como um ciclo de leitores viciosos da produção tocaninense. No que se refere a literatura infantojuvenil, ainda é tímida a produção literária, com poucos escritores que se dedicam a essa demanda, e a dificuldade em encontrar obras literárias.

A literatura infantojuvenil no Tocantins, é marcada por obras e autores que precursoramente produziram obras que marcam os efeitos folclóricos e ilustram o mundo infantil. Autores como: Zacaria Martins com a obra *O menino que aprendeu a ouvir o passarinho*; César Lustosa com *A lenda do Pequi*; Sueneide Colares com a obra *A lenda do Rio Lontra* (2022); Wandercy de Carvalho com *Poesia na Sala de aula* (2025) e *A abelhinha e um poderoso inimigo* (2022); outros títulos como *O menino que selecionava sabores* (2025) e *Saudades do meu gato dom* (2023), de Francisco Neto Pereira Pinto; *Coleção Lendas do Tocantins* (2012), de Irma Cristina Silva Galhardo e a coleção que ilustra a obra que vamos analisar *Tocantins e suas belezas naturais*, de Leonardo Luiz Ludovico Póvoa. Ou seja, o Tocantins no quesito literatura infantil e juvenil dispõem de um número de escritores ainda tímidos, mas em efervescente produção.

Dessa forma, as políticas públicas voltadas para educação, sugerem que o trabalho docente na sala de aula seja uma abordagem interdisciplinar (Brasil, 1996; Brasil, 2013; Brasil, 2018). A Base Nacional Comum Curricular (2018), documento que norteia os conteúdos

mínimos no país, reverbera que as aprendizagens sejam globalizantes, para formação de um sujeito plural, sendo possível abrir caminhos para uma interdisciplinaridade pedagógica e curricular. Desse modo, “[...] A interdisciplinaridade escolar é, por sua vez, curricular, didática e pedagógica.” (Lenoir, 2012, p. 55).

Para formação dos sujeitos globalizantes e plurais a BNCC (2018) é categórica em responder às demandas gerais da educação:

[...] a BNCC e os currículos se identificam na comunhão de princípios e valores que, como já mencionado, orientam a LDB e as DCN. Dessa maneira, reconhecem que a educação tem um compromisso com a formação e o desenvolvimento humano global, em suas dimensões intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica (Brasil, 2018, p. 16).

Assim, a BNCC tenta unir professores, país e comunidade externa em torno de uma educação que fomente a construção dialógica e participativa. Nesse sentido, para Lenoir (2012, p. 57) “[...] a interdisciplinaridade curricular exclui toda tendência à hierarquização dominante, e requer a colaboração de diferentes matérias escolares”.

De acordo com Conceição e Pereira (2022):

Com isso, é importante compreender que não há privilégio de uma disciplina em detrimento a outra, compreendendo que o sujeito é histórico e cultural, na educação básica, necessita de uma formação ampla que considere as várias dimensões do conhecimento e não somente a que está relacionada com leitura, escrita e numerais (Conceição; Pereira, 2022, p.12).

Assim, a interdisciplinaridade acontece na junção e compartilhamento de saberes entre os mais variados meios de aprendizagem, seja na literatura, na arte, na matemática e nas ciências da natureza.

Diante o exposto, apresentamos a obra que mobiliza a pesquisa e seu autor. Assim, ao analisar a obra *Meu pé de Pequi*, é possível mobilizar uma leitura interdisciplinar, pois o livro é composto pelo enaltecimento da fauna e flora nativa do Tocantins, como a árvore que dá nome ao fruto “pequi”, nativo do cerrado brasileiro.

Essa construção mobiliza habilidades de leitura e conhecimentos advindos das ciências da natureza, como a exploração dos conhecimentos sobre os biomas brasileiros, do qual neste trabalho ressalta-se o cerrado, bioma que compreende toda a extensão territorial do estado do Tocantins. Sua vegetação e produção de frutos, aves e encantos naturais são explorados pela coleção “Tocantins e suas belezas naturais”, da qual o livro em análise foi escolhido para compor esse texto.

Meu pé de pequi: uma leitura literária interdisciplinar possível

Principiemos essa análise apresentando um pouco da história do escritor, administrador e poeta Leonardo Luiz Ludovico Póvoa, nascido em Goiânia, traz consigo as raízes de sua terra natal, que permeiam suas obras com nuances de uma brasilidade e autenticidade. Mestre pela Must University, em Boca Rotan, Florida, e Phd pela Universidade Fernando Pessoa, Cidade do Porto, Portugal.

Leonardo é um escrito de muitas facetas, sua escrita mescla-se entre prosa e poesia, dedicado à literatura infantil, presenteia os leitores em 2021, com a coleção “Tocantins e suas belezas naturais”, reverberando em sua escrita as belezas da fauna e flora do Tocantins. Assim, se constitui um escritor de seu tempo presente e que marca o lugar de seu pertencimento por meio de sua escrita.

Autor apresentado, vamos à obra ser analisada, *Meu pé de pequi*. Um texto de linguagem simples e de fácil entendimento, mesclando linguagem verbal e verbo-visual em sua composição.

O livro traz a contribuição do ilustrado Marcos Medeiros, sem paginação, discute a riqueza do cerrado brasileiro no Tocantins e evidência o fruto que não é típico da região, mas que compõe um destaque regional pelo sabor inconfundível e por seu fácil acesso que é o pequi.

Podemos observar a vivacidade das cores já na capa do livro, que apresentamos abaixo.

Figura 1



A capa do livro traz aspectos da vegetação do cerrado brasileiro, árvores de caules grossos, raízes profundas e galhos tortuosos. A cor verde representa a vida, a vegetação viçosa e simboliza aspectos naturais virgens. Outro aspecto, o próprio fruto e sua colheita que é nos meses de setembro e outubro, considerado na região “à época do pequi”. Também, representa um aspecto rural com uma casa pequena, modelagem simples e cores variadas, entre árvores que podemos inferir ser pés de pequi, coco e plantas nativas. O personagem que aparece na capa permeia toda obra, mas não é possível decifrar seu nome, pois figura como um personagem sem nome próprio, evidenciando que pode ser qualquer criança e jovem tocantinense.

Confirmando nossa inferência sobre a vegetação em volta de casa do personagem, o próprio narrador expõe o que o cerca na figura abaixo.

Figura 2



Para além de apresentar as árvores frutíferas perto de sua residência, o personagem que figura uma criança do sexo masculino, assevera que “pés de pequi aqui e outro acolá, aqui em casa tenho o meu pé e dele que vou falar”, assim, o personagem inicia a narrativa sobre a sua saga em busca de pequi aos arredores de sua casa.

As roupas que compõem o personagem aludem as cores do fruto na qual permeia toda narrativa, sendo o pequi de casca verde e no interior possuir um aspecto amarelo, de cheiro e sabor inconfundível; o pequi pode ser um acompanhante para comidas típicas da região como a galinha caipira, baião de dois, ou consumido sozinho com cereais (arroz, farinhas). No curso da narrativa, o personagem apresenta o fruto como nativo do cerrado brasileiro, podemos observar na figura que segue.

Figura 3



Nesse sentido, ao apresentar elementos da natureza como, biomas, vegetação, frutos, podemos promover para além da leitura literária uma interdisciplinaridade com as ciências da natureza, que promove os ensinamentos nos seus objetos de conhecimento, iniciando com mais intensidade a partir do terceiro ano do ensino fundamental I. Assim, ao elencarmos essa interdisciplinaridade, estamos acionando a interdisciplinaridade curricular, ou seja, estamos unindo o processo de leitura e descobertas com as aprendizagens das disciplinas de língua portuguesa e ciências da natureza no processo de letramento literário e científico.

Rildo Cosson (2018, p.20) alude que “essa tradição se cristaliza no ensino de língua nas escolas com um duplo pressuposto: “a literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo”. Dessa forma, formar leitores é abrir uma janela da imaginação, dos efeitos fantásticos e das vivências reais e imaginárias. Michèle Petit (2013) assevera que:

A leitura nos abre para outro lugar, onde nos dizemos, onde elaboramos nossa história apoiando-nos em fragmentos de relatos, em imagens, em frases escritas por outros. É algo que pode ocorrer ao longo de toda a vida, mas é muito sensível na adolescência (Petit, 2013, p.110).

Desse modo, a obra ao ser utilizada como obra literária para a formação de leitores, também pode ser mobilizada como um exercício de descoberta sobre a geografia da região do Tocantins para além da flora (vegetação, frutos). Também, é um letramento em ciências da natureza, pois abrange temas que se valem da disciplina com as características da vegetação do cerrado, a floração dos frutos, como a ideia de temporalidade ao asseverar a época exata e a espera do fruto cair para colheita. Na imagem abaixo é possível ver o processo de floração do pequi.

Figura 4



Nessa imagem, é possível observar o personagem sob o pé de pequi observando o estado de floração do fruto, ou seja, nesse estado o fruto está em formação para no tempo apropriado vir ao chão e ser colhido pelo personagem. Também, na descrição narrativa é notório a sonoridade poética das palavras na composição rítmica da sequenciação das terminações como “flor, estrelas e desenhou”. Para Rodrigues (2020, p.101) “a poesia tem o poder mágico de criar atmosferas de sensibilização, acrescentando elementos imaginários à realidade, exagerando ou distorcendo elementos da realidade”.

Ainda no viés poético da linguagem narrativa apresentado no texto, Saddi (2011) alude que:

A linguagem onírica se assemelha à linguagem poética, pelos meios, pelas figuras de linguagem, pelos símbolos e sentidos, pelos sons e ritmos, pela montagem e deslocamentos que faz, ou pela constante invenção de imagens. As poesias também são construídas por imagens metafóricas, paradoxos, analogias, ambiguidades, sentidos plurais, dinâmicos, como os sonhos. Assim vemos a reciprocidade entre o sonho e a poesia (Saddi, 2011, p.4006).

Assim, é possível na narrativa analisada observar para além dos aspectos do bioma cerrado frisado no texto, o emprego de figuras de linguagem como comparações e metáforas em sua composição, ao assemelhar as flores do pequi com céu estrelado “parece que choveu estrelas”, no ritmo e sonoridade “para pegar pequi, tem que esperar ele cair”, dentre outros trechos da narrativa onde é possível observar essa riqueza da linguagem poética.

Aludindo ao nome da coleção “Tocantins e suas belezas naturais”, a narrativa ao apresentar em específico a árvore e o fruto do pequi, também contribui para sua mais diversas formas e usos, ou seja, para além do consumo é utilizado na composição de óleos, remédios, castanhas e outros. Podemos constatar isso na imagem que segue.

Figura 5



Assim, ao final, o texto encerra-se fazendo um convite ao leitor para uma caça de pequi na região. Observamos a imagem.

Figura 6



Nessa composição da interdisciplinaridade, apresentamos a obra de Leonardo Luiz Ludovico Póvoa, como uma narrativa possível de ser trabalhada no ensino fundamental I, levando em consideração o que assevera a BNCC (2018), em suas 8 competências específicas para área de ciências da natureza, trazendo em sua primeira que é:

[...] agir pessoal e coletivamente com respeito, autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, recorrendo aos conhecimentos das Ciências da Natureza para tomar decisões frente a questões científico tecnológicas e socioambientais e a respeito da saúde individual e coletiva, com base em princípios éticos, democráticos, sustentáveis e solidários (Brasil, 2018, p. 324).

Especificamente, trabalhamos nesse texto a formação do leitor literário, pois se apresenta um texto narrativo, como também, as questões de ciências da natureza como socioambientais e sustentáveis, uma vez que o pequi além de fruto nativo do cerrado brasileiro, também pode ser uma maneira de subsistência para famílias que dele fazem uso comercial, seja por via das feiras de comidas típicas, feiras livres comuns em todo o estado, ou pela sua manipulação industrial, na confecção de óleos, remédios e derivados.

Assim, com foco no texto literário, queremos reverberar que, o que se tem nessa construção não é o uso do texto como pretexto para o ensino de ciências da natureza ou outras disciplinas possíveis, mas uma ideia de interdisciplinaridade, que visa para além das competências leitoras das crianças, despertar a curiosidade da fauna e flora da região do Tocantins, que é rico em suas belezas naturais.

Ao professor da educação básica, salientamos que a obra é um dos 5 livros da coleção e que os demais versam sobre variados temas específicos do estado do Tocantins e podem ser trabalhados de variadas formas em múltiplos componentes curriculares. Desde a língua portuguesa à arte, é possível utilizar a coleção para levar leitura, fantasia, conhecimento e fazer ciência na sala de aula. Pois como alude Teresa Colomer (2007):

O trabalho escolar sobre obras deve orientar-se, pois, para a descoberta do seu sentido global, a estrutura simbólica onde o leitor pode projetar-se. A literatura oferece então a ocasião de exercitar-se nessa experiência e aumenta a capacidade de entender o mundo. Tal recompensa é o que justifica o esforço de ler (Colomer; 2007, p.62).

Portanto, ao abrir caminhos para interdisciplinaridade, o texto literário contribui para o acúmulo de capital cultural por meio do letramento literário e científico, mobilizado pelo prazer do texto.

Considerações finais

Nesse artigo, procuramos explorar os expoentes da literatura produzida no Tocantins, a gênese de sua formação e seu desencadeamento para consolidar-se como uma literatura que foge aos estereótipos regionais. Assim, ao apresentarmos a literatura infantojuvenil como uma literatura possível, procuramos afirmar que no Tocantins possui escritores e obras em circulação.

Uma vez que temos no norte do Brasil escritores que buscam marcar seu lugar de pertencimento e de escolha para narrar suas obras. Evidenciamos, que o regionalismo vive e é necessário para que as narrativas possam denunciar mazelas sociais, como reverberar seu teor folclórico e estético.

Segundo Antoine Compagnon (2010, p.33) “a literatura é tudo que os escritores escrevem”, é possível afirmar que no Tocantins existe uma literatura infantil, ou seja, há escritores produzindo e obras circulando, o que segundo Candido (2006) não significa dizer que essa literatura está consolidada, uma vez que a tríade ainda não se firmou: autores, obras e leitores. Não podemos negar que não existam pessoas lendo obras tocantinenses, pois a prova disso, é esta construção teórico-crítica, que parte das inquietações da existência de obras em variados formatos e lugares.

A obra que analisamos neste texto é híbrida, pois ela pode ser encontrada no formato físico (livro) como de maneira virtual (e-books), utilizando tecnologias e acesso à internet, baixada gratuitamente em qualquer site em que possa navegar. Assim, facilita a circulação de obras e seu crescente número de leitores.

Portanto, a literatura para adultos quanto para crianças e jovens são e estão sendo produzidas no Tocantins, com seu crescente números de autores, obras e leitores, caminhando assim para uma consolidação de uma literatura que visa não só apresentar as belezas naturais, os heróis e as lendas locais, mas se formar enquanto arte e ter seus vieses estéticos valorizado e reconhecido.

Referências

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC, 2018.

CANDIDO, Antonio. A educação pela noite & outros ensaios. São Paulo: Ática, 1989.

CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. 9ª. ed. Ouro sobre o azul. Rio de Janeiro, 2006.

COMPAGNON, Antoine. O demônio da teoria: literatura e senso comum. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fontes Santiago. 2. Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

COLOMER, Teresa, Andar entre livros: a leitura literária na escola. Trad. Laura Sandroni. São Paulo. Global, 2007.

CONCEIÇÃO, Aline de Novaes; PEREIRA, Adriana Alonso. A Interdisciplinaridade na educação: concepções de professores. Intermeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS, v.28, n.56, p.11-29, jul./dez. 2022.

COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. 2. ed. 7 reimpressões. São Paulo: Contexto, 2018.

DEBONI, M. A. O papel das academias de Letras na formação e caracterização da atividade literária no Tocantins. 2007. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Niterói

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN. Regina. Literatura infantil brasileira: uma nova/outra história. Curitiba: PUCPress, 2017.

LENOIR, Yves. Didática e interdisciplinaridade: uma complementaridade necessária e incontrolável. *In*: FAZENDA, Ivani (Org.). Didática e interdisciplinaridade. Campinas: Papirus, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001

PETIT. Michèle. Leitura: do espaço íntimo ao espaço público. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo. Editora 34,2013.

RIBEIRO, José M. S. C; RODRIGUES, Wallace. Por uma prática pedagógica no ensino básico com utilização de literatura local. Revista Querubim. Ano. 17. abril, 2021.

RODRIGUES, Wallace. Poetas professores na literatura produzida no Tocantins. Revista Humanidades e Inovação. V.7, n.15.2020.

SADDI, Maria Luíza Sabóia. Os desenhos no céu: sonho e poesia. *IN*. Anais do 20 Encontro Nacional da Associação de Pesquisadores em Artes (ANPAP).2011, Rio de Janeiro, pág.4000 a 4012.

ZILBERMAN. Regina. Duas décadas de amadurecimento: marcos da literatura infantil brasileira entre 1960 e 1980. Revista entreletras (Araguaína), v.10, n.2, jul/dez.2019

Recebido em 4 de abril de 2026.
Aceito em 12 de abril de 2026.